

# REFLEXÕES ESPIRITUAIS



SALVADOR CANALS

# REFLEXÕES ESPIRITUAIS

3ª edição

Título original  
*Ascetica meditata*

Copyright © Edizioni Ares, Milão

Tradução de  
Emérico da Gama

Capa  
*Karine Santos*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Canals, Salvador

Reflexões espirituais / Salvador Canals. – 3ª ed. – São Paulo :  
Quadrante Editora, 2026.

ISBN: 978-65-89820-28-4

1. Vida cristã. 2. Religião. I. Título

21-86668

CDD 248.4

200

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Vida cristã: Cristianismo 248.4
2. Religião 200

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA  
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270  
01252-020 - São Paulo - SP  
[www.quadrante.com.br](http://www.quadrante.com.br) | [atendimento@quadrante.com.br](mailto:atendimento@quadrante.com.br)

# SUMÁRIO

AO LEITOR	7
JESUS, O AMIGO	9
A NOSSA VOCAÇÃO CRISTÃ	15
UM IDEAL PARA A VIDA	19
VIDA INTERIOR	25
GUARDA DO CORAÇÃO	31
O CAMINHO REAL	37
A ESPERANÇA CRISTÃ	41
HUMILDADE	49
MANSIDÃO	53
AS HUMILHAÇÕES	59
O ITINERÁRIO DO ORGULHO	65
CELIBATO E CASTIDADE	71
VERDADEIRAS E FALSAS VIRTUDES	77

A SERENIDADE	83
A "CRÍTICA"	89
TENTAÇÕES	95
A IMAGINAÇÃO	101
EXAME DE CONSCIÊNCIA	107
NA PRESENÇA DO PAI	111
O PÃO DA VIDA	115
ESTOU CONVOSCO TODOS OS DIAS	119
A MORTE E A VIDA	123
A CORREÇÃO FRATERNA	129
O PERIGO DAS COISAS BOAS	137
O JOIO E O TRIGO	143
NA LUZ DE BELÉM	151

## AO LEITOR<sup>1</sup>

**Q**uereria ter escrito estas linhas há mais tempo. Mas naquela altura a Editora tinha pressa, e mal tive tempo de ordenar os comentários ascéticos que havia publicado em *Studi Cattolici*. E saíram assim, órfãos de uma carta de apresentação que contasse a sua gênese.

Lembro-me bem de que, quando daquela revista pediram a minha colaboração, nem por um instante pensei em escrever um livro. Compus as meditações sem um plano premeditado. E não foi difícil, porque o que escrevi, tomei-o de empréstimo.

Muitas vezes, a todos os que lhe pedíamos conselho para a vida interior, Mons. Josemaria Escrivá, Fundador do *Opus Dei*, explicava que, no exercício do seu ministério, não tinha senão uma só panela de comida, uma mesma doutrina com validade universal: a de procurar a santidade nas ocupações habituais. Nessa panela, todos tínhamos licença de introduzir a nossa colher e tirar o alimento apropriado para a nossa situação concreta. E assim o fiz repetidas vezes, e depois

---

<sup>1</sup> Apresentação que o autor, piedosamente falecido em Roma em 24 de maio de 1975, escreveu para a segunda edição italiana de *Ascetica Meditata*, versão original do livro.

*a pena encarregou-se de passar para o papel as meditações que formam este volume.*

*Ao escrever estas páginas, meu propósito era apenas comentar alguns dos ensinamentos de Mons. Escrivá. Mas o espírito foi mais longe que o instrumento. Tinham sido tantas as vezes que me servira daquela panela, que o comentário veio a tornar-se com frequência uma continuação da frase, uma nova citação e até uma transcrição literal de modos de dizer do Fundador do Opus Dei. Far-me-ei entender bem se afirmar que me aconteceu o mesmo que às crianças: uma vez dentro da loja de brinquedos, já não sabem escolher e levariam tudo, se delas dependesse.*

*Conheci o Fundador do Opus Dei em 1940. Não me é fácil explicar o que aquele encontro representou para mim. Depois, já em Roma, tive ocasião de conviver com ele assiduamente. O vigor da sua expressão, o impulso de uma vida interior envolta numa naturalidade acima do normal, queimavam como fogo de Deus. Quantas vezes meditei os seus ensinamentos! Quanto pedi ao Senhor que se tornassem vida da minha vida, para que aprendesse a santificar todas as minhas ocupações! É o que peço também agora para os leitores destas considerações.*

*Quando se ler Reflexões Espirituais, e o olhar se detiver numa frase que queima e sacode, não se deve duvidar: o agradecimento deve ir para Mons. Escrivá, porque é o principal autor desses pensamentos agora passados ao papel.*

SALVADOR CANALS

## JESUS, O AMIGO

“Fazei com que, na sua primeira juventude ou em plena adolescência, se sintam sacudidos por um ideal: que procurem Cristo, que encontrem Cristo, que tenham trato com Cristo, que sigam Cristo, que amem a Cristo, que permaneçam com Cristo.”

(Mons. Josemaria Escrivá, 24-X-1942)

**M**eu amigo, há neste punhado de terra que são as nossas pobres pessoas — que *somos* tu e eu — uma alma imortal que tende, por vezes sem o saber, para Deus, que sente, mesmo sem reparar nisso, uma nostalgia profunda de Deus e que deseja com todas as suas forças, mesmo quando o nega, o seu Deus.

Esta tendência para Deus, este desejo veemente, esta nostalgia profunda, quis o próprio Deus que pudéssemos concretizá-la na pessoa de Cristo, que passou pela terra como homem de carne e osso, como tu e como eu. Deus quis que este nosso amor

fosse amor por um Deus feito homem, a quem conhecemos e compreendemos, porque é dos nossos; amor de Cristo Jesus, que vive eternamente com seu rosto amável, com seu coração que ama, com suas mãos e seus pés chagados e com seu lado aberto: *Jesus Cristo ontem, e hoje, e por todos os séculos.*

Jesus, que é Deus perfeito e homem perfeito, que é o caminho, a verdade e a vida, que é a luz do mundo e o pão da vida, pode ser nosso amigo se tu e eu assim o quisermos. Escuta Santo Agostinho, que te recorda com a sua inteligência clara, com a experiência profunda do seu grande coração: *Amicus Dei essem si voluero*, serei amigo de Deus se assim o quiser.

Mas, para atingirmos esta amizade, é preciso que tu e eu nos aproximemos dEle, que o conheçamos e o amemos. A amizade de Jesus é uma amizade que leva longe: acharemos a felicidade e a tranquilidade, saberemos sempre, com critério seguro, como comportar-nos; encaminhar-nos-emos para a casa do Pai e sere-mos, cada um de nós, *alter Christus*, outro Cristo. Foi por isso que Jesus Cristo se fez homem: *Deus fit homo ut homo fieret Deus*, Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus.

Mas, na verdade, há tantos homens que se esquecem de Cristo, ou não o conhecem nem querem conhecê-lo, ou não rezam e não pedem *in nomine Iesu*, em nome de Jesus, não pronunciam o único nome que os pode salvar, e olham para Jesus Cristo como uma personagem histórica ou uma glória passada, e esquecem que Ele veio e vive para que todos os homens *tenham vida e a tenham em abundância!*

E, repara, todos estes homens são homens que quiseram reduzir a religião de Cristo a um conjunto de leis, a uma série de proibições e de pesadas responsabilidades. Almas ataca-das de uma singular miopia, que as faz ver na religião apenas aquilo que custa esforço, aquilo que pesa, aquilo que abate;

inteligências minúsculas e unilaterais, que querem considerar o cristianismo com mentalidade de máquina de calcular; corações desiludidos e mesquinhos que não querem saber das grandes riquezas do coração de Cristo; falsos cristãos que pretendem roubar à vida cristã o sorriso de Cristo. A estes, a todos estes homens, quereria dizer-lhes: *Venite et videte*, vinde e vede. *Gustate et videte quoniam suavis est Dominus*, provai e vede como o Senhor é suave.

A notícia que os Anjos anunciaram aos pastores na noite de Natal foi uma mensagem de alegria: *Eis que vos anuncio uma grande alegria, uma alegria grande para todo o mundo: nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo Nosso Senhor*. O Messias esperado pelos povos, o Redentor anunciado pelos Profetas, o Cristo, o Ungido de Deus, nasceu na cidade de Davi. Ele é a nossa paz *ipse est pax nostra* e a nossa alegria: é por isso que invocamos a Virgem Maria, Mãe de Cristo, como *Causa nostrae laetitiae*, causa da nossa alegria.

Jesus Cristo é Deus, perfeito Deus. Vamos render-lhe, tu e eu, a nossa adoração com aquelas palavras que o Pai põe nos lábios de Pedro: *Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo*. E rendamos-lhe também a nossa adoração repetindo a confissão de Marta, ou a do cego de nascença, ou a do centurião.

Jesus Cristo é homem, perfeito homem. Saboreia este título, que era tão caro a Jesus Cristo: *Filius Hominis*, filho do Homem. Era assim que se chamava a si próprio. Escuta Pilatos: *Ecce homo*, eis o Homem, e dirige teu olhar para Cristo. Meu amigo, como o sentimos perto de nós! Cristo é o novo Adão, mas nós sentimo-lo ainda mais perto. O dono da imunidade à dor fez que Adão não pudesse sofrer: mas Tu, Senhor, sofreste e morreste por nós. Jesus, tu és verdadeiramente perfeito homem: o homem perfeito. Quando nos esforçamos por imaginar o tipo

perfeito de homem, o homem ideal, involuntariamente pensamos em Ti. E ao mesmo tempo, Jesus bom, Tu és *Emmanuel*, Deus conosco. E tudo isto, meu amigo, para sempre: *A natureza que Ele assumiu uma vez, nunca mais a deixou.*

Procura ter fome e sede de conhecer a santíssima Humanidade de Cristo, procura viver muito perto dEle. Jesus Cristo é homem, é um verdadeiro homem como nós, com alma e corpo, inteligência e vontade, como tu e eu. Recorda-o com frequência, e ser-te-á mais fácil aproximares-te dEle, na oração e na Eucaristia, e a tua vida de piedade encontrará nEle o seu verdadeiro centro, e o teu cristianismo será mais autêntico.

Intimidade com Jesus Cristo. Para que possas chegar a conhecer, amar, imitar e servir a Jesus Cristo, é preciso que te aproximes dEle com confiança: “Não se pode amar aquilo que não se conhece”. E as pessoas se conhecem pelo convívio cordial, sincero, íntimo e frequente. Mas onde procurar o Senhor? Como aproximar-se dEle e conhecê-lo? No Evangelho, meditando-o, contemplando-o, amando-o, seguindo-o. Pela leitura espiritual, estudando e aprofundando a ciência de Deus. Na Santíssima Eucaristia, adorando-o, desejando-o, recebendo-o.

Meu amigo, o Evangelho deve ser o teu livro de meditação, a alma da tua contemplação, a luz da tua alma, o amigo da tua solidão, o teu companheiro de viagem. Que teus olhos se habituem a contemplar Jesus, perfeito homem, que chora a morte de Lázaro e chora sobre a cidade de Jerusalém; que se habituem a vê-lo passar fome e sede; a contemplá-lo sentado junto do poço de Jacó, *cansado da caminhada*, enquanto espera a Samaritana; a considerar a tristeza da sua alma no Horto das Oliveiras *minha alma está triste até a morte* — e a sua solidão sobre o madeiro da Cruz; e as suas noites passadas em oração, e a ira enérgica com que expulsa os vendilhões do templo, e a

sua autoridade ao ensinar *como quem possui autoridade*. Enche-te de confiança quando o vires compadecido da multidão multiplicar os pães e os peixes, e oferecer à viúva de Naim o filho ressuscitado para uma vida nova, e restituir Lázaro ressuscitado ao afeto de suas irmãs...

Aproxima-te de Jesus Cristo; aproxima-te de Jesus Cristo no silêncio e na operosidade da sua vida escondida, nas penas e nas fadigas da sua vida pública, na sua Paixão e Morte, na sua Ressurreição gloriosa. Todos encontramos nEle — causa exemplar — o modelo, o tipo de santidade que convém a cada um de nós. Na intimidade da nossa confiança com Ele, escutaremos as suas palavras: *Dei-vos o exemplo: fazei como eu fiz*.

Antes de terminares, pousa confiadamente o teu olhar na Santíssima Virgem. Ela soube, como nenhuma outra pessoa, trazer em seu coração a vida de Cristo e meditá-la dentro de si: *Maria conservava todas estas coisas, meditando-as em seu coração*. Recorre a Ela, que é Mãe de Cristo e tua Mãe. Porque a Jesus sempre se vai através de Maria.



## A NOSSA VOCAÇÃO CRISTÃ

“Como era evidente, para os que sabiam ler o Evangelho, essa chamada geral à santidade na vida cotidiana, na profissão, sem abandonar o próprio ambiente! No entanto, durante séculos, a maioria dos cristãos não a entendeu: não se pôde dar o fenômeno ascético de que muitos procurassem assim a santidade, sem sair do lugar, santificando a profissão e santificando-se na profissão. E muito em breve, à força de não a viver, a doutrina foi esquecida; e a reflexão teológica foi absorvida pelo estudo de outros fenômenos ascéticos, que refletem outros aspectos do Evangelho.”

(Mons. Josemaria Escrivá, 9-I-1932)

**F**alava eu um dia com um jovem rapaz, tal como o faço contigo neste momento. Procurava convencê-lo da necessidade de viver cristãmente a sua vida, de frequentar os sacramentos, de ser alma de oração, de dar a todas as suas ações e a toda a sua vida uma orientação sobrenatural. Jesus dizia-lhe — precisa de almas que, com grande naturalidade

e com uma grande doação de si mesmas, vivam no mundo uma vida integralmente cristã.

Mas dos seus olhos transpirava a resistência de sua alma; e suas palavras tratavam de justificar tudo o que a sua vontade se recusava a admitir. Passados alguns minutos, admitiu com sinceridade o que até então provavelmente nunca havia confessado nem mesmo a si próprio.

Não posso viver como diz, porque sou muito ambicioso.

Lembro-me de que lhe respondi:

Escuta: tens diante de ti um homem muito mais ambicioso do que tu, um homem que quer ser santo. Minha ambição é tão grande que não se contenta com nenhuma coisa da terra: ambiciono Jesus Cristo — que é Deus —, e o Paraíso — que é a sua glória e a sua felicidade —, e a vida eterna.

Meu amigo, permita-me que continue contigo aquela conversa. Não te parece que neste ponto todos nós, cristãos, deveríamos ser santamente ambiciosos? A vocação do cristão é vocação de santidade. Todos os cristãos, pelo simples fato de o serem, têm a obrigação — ocupem o posto que ocuparem, façam o que fizerem, vivam onde viverem — de ser santos. Todos estamos igualmente obrigados a amar a Deus sobre todas as coisas: *Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente, com toda a tua alma e com todas as tuas forças*. Esta ideia, tão simples e clara, primeiro mandamento e compêndio de toda a Lei de Deus, perdeu força e, hoje em dia, não informa na prática a vida de muitos discípulos de Cristo.

Senhor, como se amesquinhou o ideal cristão na mente dos teus! Pensaram e pensam, Jesus, que o ideal de santidade é excessivamente elevado para eles, e que nem todos os corações cristãos podem albergar essa aspiração. Que ela permaneça — senti que o

diziam, em todos os tons — para os sacerdotes e para as almas que foram conduzidas à vida do claustro por uma vocação especial. Nós, homens do mundo, devemos contentar-nos com uma vida cristã sem excessivas pretensões e renunciar humildemente aos voos da alma, embora corramos o risco de experimentar de vez em quando uma nostalgia estéril e pessimista. A santidade — é o que concluíram muitos e muitas, vencidos pelos preconceitos e pelas ideias falsas — não é para nós: seria presunção, jactância, falta de equilíbrio, desordem, fanatismo. E declararam-se vencidos antes de terem iniciado a batalha.

Queria poder gritar ao ouvido de muitos cristãos: *Agnosce, christiane, dignitatem tuam*, toma consciência, ó cristão, da tua dignidade. Ouve-me, amigo: deixa que a tua inteligência se abra serenamente, livre de preconceitos. A vocação cristã é vocação de santidade. Os cristãos todos, sem distinção são, segundo a palavra de São Pedro, *raça santa, estirpe de eleição, sacerdócio real, povo de conquista*. Os primeiros cristãos, conscientes da sua dignidade, chamavam-se entre si com o nome de santos.

Quando perderás, meu amigo, este medo à santidade? Quando te convencerás de que o Senhor te quer Santo? Qualquer que seja a tua condição, a tua idade, as tuas forças e a tua posição social, se és cristão, o Senhor te quer santo. *Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai dos céus*. Jesus dirigiu estas palavras a todos, e a todos propôs a mesma meta. São diversos os caminhos, porque diversas e numerosas são as mansões na casa do Pai, mas a meta, o fim, é idêntico e comum a todos: a santidade.

Como nos alvares da cristandade, também hoje, depois de dois mil anos de cristianismo, nós, os cristãos, devemos formar um só coração e uma só alma nesta aspiração à santidade e nesta convicção profunda: *A multidão dos que acreditavam formava um só coração e uma só alma*. É a mesma convicção, firme e

luminosa, que animava as palavras de São Paulo, dirigidas a todos os fiéis: *Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação.*

Quantos títulos para se reclamar e exigir de ti esta santidade! O Batismo, que nos fez filhos de Deus e herdeiros da sua glória; a Crisma, que nos confirmou como soldados de Cristo; a Santíssima Eucaristia, em que se dá a cada um de nós o próprio Senhor; o sacramento da Penitência e o do Matrimônio, se o recebemos. São chamadas, chamadas à santidade. Escuta-as.

Eliminados os preconceitos, inundada a mente de novas luzes, é fácil agora formular um propósito: fazermos do problema da santidade um problema muito pessoal, muito concreto e muito *nosso*. Deus Nosso Senhor, estamos íntima e profundamente convencidos disso, nos quer santos porque somos cristãos.

Levantemos para Deus o olhar, o coração, a vontade. *Saboreai as coisas que são do alto, procurai as coisas que são do alto*: a dignidade cristã nos abre agora horizontes rasgados e serenos. Respiramos profundamente os ares que sopram dessas lonjuras abertas, e são ares que renovam a nossa juventude, como se renova — está dito na Escritura — a juventude da água: *tua juventude renovar-se-á como as águas.*

Agora compreendemos finalmente como são ocas as nossas ideias mesquinhas, e as detestamos. E deploramos o tempo perdido e os nossos vãos temores. Já não temos qualquer medo da santidade e reconhecemos finalmente que frequentes vezes os nossos corações, como escreve o Salmista, *amedrontaram-se quando não havia razão para temer.*

Confiemo-nos à proteção da Virgem Maria, que é *Regina sanctorum omnium*, Rainha de todos os santos, e *Sedes Sapientiae*, Sede da Sabedoria, para que a ideia da santidade seja em nossas vidas cada dia mais clara, mais forte e mais concreta.

## UM IDEAL PARA A VIDA

“... essa vida corrente, ordinária, sem brilho, pode ser meio de santidade: não é necessário abandonar o estado que se tem no mundo para procurar a Deus, se o Senhor não dá a uma alma a vocação religiosa, já que todos os caminhos da terra podem ser ocasião de um encontro com Cristo.”

(Mons. Josemaria Escrivá, 24-III-1930)

**S**e me permitires, meu amigo, vou continuar a refletir contigo sobre o mesmo argumento. Acho que chegou a hora de darmos humildemente graças a Deus: *O laço se desfez e nós fomos finalmente libertados*, segundo as palavras do Salmista. O laço dos preconceitos, das ideias falsas, foi desfeito e agora estamos convencidos de que a ideia da santidade deve abrir caminho em nossa mente e em todas as mentes cristãs.

Começamos o caminho: a pérola preciosa brilhou diante dos nossos olhos, as riquezas do tesouro escondido alegraram o

nosso coração. E no entanto conheci almas, meu irmão, muitas almas que, tendo chegado a este ponto, por um motivo ou por outro — não faltam *razões* nem desculpas —, não souberam ir mais longe. Uma experiência dolorosa, não é verdade? Mas fecunda. Almas que tinham compreendido, mas fecharam os olhos ou adormeceram; almas que tinham começado e não continuaram, que teriam podido fazer muito e não fizeram nada.

Como vês, é necessário passar da ideia à convicção, e da convicção à decisão. Devemos convencer-nos profundamente de que a santidade é para nós, de que a santidade é aquilo que o Senhor nos pede antes de qualquer outra coisa: *uma só coisa é necessária*. Que nunca te falte uma fé firmíssima nestas palavras divinas: a única derrota concebível numa vida *cristã* — na tua vida — é que nos atrasemos no caminho que conduz à santidade, que desistamos de apontar para a meta. Meu irmão, a vida e o mundo não teriam qualquer sentido se não fosse por Deus e pelas almas. Não valeria a pena viver esta nossa vida se não estivesse iluminada em todo o momento por uma procura viva e amorosa de Deus.

Escuta: *De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?* Para que pensar em tantas coisas, se depois esquecemos a única que conta? Que importa resolver tantos problemas pessoais e dos outros, se depois deixamos por resolver o problema mais importante? Que sentido têm os nossos êxitos, os nossos triunfos, as nossas *subidas* na vida, na sociedade, na profissão, se depois naufragamos na rota para a santidade, para a vida eterna? Que lucros e que negócios são os teus, se não consegues alcançar o Paraíso e deitas a perder o negócio da tua santidade? Que pretendes com o teu estudo e com a tua ciência, se depois ignoras o significado da vida e desconheces a ciência de Deus? Em que consistem

teus prazeres se te privas para sempre do prazer de Deus? Se não procuramos verdadeiramente, ardentemente, a santidade, não possuímos nada; se procuramos a santidade, possuímos tudo: *Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo.*

Medita, meu amigo, nestas considerações e faz por tua conta muitas outras: considerações concretas e atuais para a tua vida de agora, para a tua condição presente e para os perigos que ameaçam a tua alma; considerações que reforcem a convicção profunda que deves ter em relação à santidade: é o único caminho de felicidade temporal e eterna.

*Dominus meus et Deus meus!* Meu Senhor e meu Deus! Deveríamos pôr toda a decisão e toda a firmeza destas palavras do Apóstolo Tomé no nosso empenho em procurar a santidade acima de qualquer outra coisa. Firmemente decidido a ser santo, decidido a avançar a todo o custo: essa deve ser a tua disposição. Que exemplo luminoso o de Teresa de Ávila! Avançar sempre pelo caminho, repelindo o cansaço, a desconfiança, a fraqueza, a morte... *aunque me canse, aunque no pueda, aunque reviente, aunque me muera.* E não te esqueças de que o que nos detém no nosso caminho não são as dificuldades e os obstáculos que realmente se apresentam; o que nos detém é a nossa falta de decisão: “Não é por serem coisas impossíveis que não nos atrevemos, mas por não nos atrevermos é que se tornam impossíveis”. A falta de decisão é o único verdadeiro obstáculo: uma vez ultrapassado não existem outros, ou melhor, vencemo-los com grande facilidade. Que o nosso “sim” a Deus seja um “sim” decidido e, com a sua graça, sempre mais audaz, total, indiscutido.

Dizia Lacordaire que a eloquência é filha da paixão: dai-me um homem com uma grande paixão, acrescentava, e farei dele

um orador. Dai-me um homem decidido — poderia dizer-te a ti —, um homem que sinta a paixão da santidade, e vos darei um santo.

Que ninguém nos vença no desejo de santidade. Aprendamos, com a graça de Deus, a ser homens de grandes desejos, a desejar a santidade com todas as forças da nossa convicção e com todas as fibras do nosso coração: *como um cervo deseja as frescas fontes das águas.*

Se tu, amigo que lêes estas linhas, és jovem, pensa na tua juventude, nesta juventude que é a hora da generosidade: que uso fazes dela? Sabes ser generoso? Sabes fazê-la frutificar numa procura eficaz e fecunda da santidade? Sabes inflamar-te com estas ideias grandes... e convencer-te... e decidir-te?

Mas se porventura já saíste da juventude e entraste pela vida adentro, não te preocupes, porque é a hora de Deus para ti: todas as horas são boas para Ele, a todas as horas Ele nos convida na hora da terça, da sexta ou da nona a convencer-nos, a decidir-nos e a desejar a santidade, como o próprio Jesus nos ensinou com a parábola dos operários da vinha. Todas as idades são boas, e, repito, seja qual for a tua condição, a tua situação atual e o teu ambiente, debes convencer-te, decidir-te e desejar a santidade.

Sabes perfeitamente que a santidade não consiste em graças extraordinárias de oração, nem em mortificações e penitências insustentáveis; menos ainda é a herança exclusiva das solidões longínquas do mundo. A santidade consiste no cumprimento amoroso e fiel dos deveres pessoais, na aceitação gozosa e humilde da vontade de Deus, na união com Ele no trabalho de cada dia, em saber fundir a religião e a vida em harmoniosa e fecunda unidade, e em tantas outras coisas pequenas e habituais que tu conheces.

O caminho é simples e claro. Convence-te, decide-te, deseja! Concretiza o teu esforço e a tua luta, persevera com amor e confiança. A Santíssima Virgem, Rainha de todos os Santos, te dará luzes e proteção, será para ti apoio e consolo na luta.